

O Ator e seu público

Ana Lucia Ribeiro da Silva - **O Ator e seu público**

Universidade Federal da Bahia – Salvador- Brasil

daldinh@hotmail.com

Resumo

Este artigo relata que: o envolvimento do ator com o seu público vem preservando a linguagem teatral hoje e sempre pois, o teatro proporciona ao seu espectador um gosto estético que não existe em nenhuma outra linguagem. O ator deve agir de forma integral sendo, também, agente da produção teatral garantindo assim o sucesso do espetáculo. O incentivo por parte do Estado para a linguagem teatral só será possível de fato com a reestruturação do incentivo à cultura, desbancando a política de abandono atual por parte do Governo.

Palavras –chave: Ator/produtor, política do abandono.

1. Introdução

Ao iniciar o semestre como aluna especial do Mestrado em Artes Cênicas com a disciplina Modos de Gestão e capatação das Artes Cênicas a idéia que tinha era a de que estava cursando uma disciplina em que estaria aprendendo a correr atrás dos editais ou de como conseguir obter a verba ou o patrocínio para o espetáculo que desejássemos produzir, qual não foi a minha surpresa, e já na primeira aula o professor nos alertou de que não se tratava disto e então, começou-se a aula falando do mercado da cultura, e de como as pessoas que tem grana tratam as pessoas de Teatro, passamos para o percurso histórico com o teatro tendo início no Egito antigo, onde já se pensava em educar a massa, ou seja o teatro como forma de dominação, com um sentido político, e com a função de explicar conteúdos de cunho religioso, impondo a vontade do Faraó, daí, passamos para a Grécia, onde o teatro era visto como um evento cívico, o que na verdade não acontece entre nós, o teatro como meio de divulgação, este veículo quando bem estruturado tem um poder incrível, atinge todo e qualquer público, nosso professor, Gláucio Machado, nos fez pensar, em muitas possibilidades e a que mais me levou a reflexão foi: O teatro nasce de uma ideologia política, como você quer produzir cultura e não quer representar a sua nação?

2. Em busca do casamento perfeito

Acredito no poder que o teatro tem em mostrar o que na maioria das vezes não conseguimos entender, talvez pela atribulação da rotina, pelas dificuldades do dia-a-dia. Assisti a um espetáculo que falava da rotina de uma professora de escola pública da cidade do Salvador, estava acompanhada de mais três colegas, também professoras, que elogiaram demais a apresentação e prometeram mudar a sua rotina de diversão nos fins de semana, nos perguntamos porque este espetáculo não poderia ser exibido para um público de professoras, acrescentadas mais algumas falas pertinentes a classe. A atriz parecia conformada demais com

o fato de pouco mais de vinte pessoas estarem assistindo a apresentação, e nós, a condenamos por não estar a procura do seu público, por não estar dizendo aos professores o que eles estão precisando ouvir e que não ouvem, e que ninguém mais conseguiria dizer senão o teatro, (Magaldi, 1996, p.279) :

“ O teatro legou, por certo, a outras artes a popularidade antiga, vinculada a épocas em que era o único divertimento coletivo. Hoje, ele sobrevive graças a sua especificidade: a comunicação direta entre o ator e o público, responsável por um prazer estético ausente de qualquer outra linguagem artística. ”

Condenada, porque ficou alguns dias em cartaz e sumiu, por não compreender que o ator/atriz é também responsável pela produção da peça e que precisa participar ativamente deste processo de comercialização do espetáculo, condenado por uns, venerado por outros, mas que diante da falta de subvenção governamental para a criação de um teatro nacionalista, invariavelmente necessita comercializar o produto da sua arte, e que mal tem em se pensar, que o que foi produzido pelo grupo teatral , não pode ser considerado como tal? Será que a máquina governamental não consegue reconhecer a força e o poder que o ator tem quando se coloca em frente a seu público? Embora, que se pensarmos em apenas satisfazer o público e na sobrevivência dos atores, jamais conseguiremos modificar o que está posto: a natureza do nosso espectador, o gosto estético, a habilidade de ver, de descobrir as qualidades da obra de arte

Mostrem que mostram! Entre todas as diferentes atitudes que vocês mostram ao mostrar como os homens se portam, não devem esquecer a atitude de mostrar: a atitude de mostrar deve ser a base de todas as atitudes. O mostrar tem que ser mostrado.
Bertolt Brecht

Existe nas escolas públicas, um determinado valor, que os dirigentes escolares podem estar investindo para melhorar a aprendizagem ou ajudar no desenvolvimento de atividades educacionais, em que não se faz necessário a licitação pública, portanto, viável na apresentação de peças para as escolas e que deveriam estar sendo explorado pelo produtor teatral e por todos que fazem teatro:

Art. 2º A transferência de recursos financeiros no âmbito do PDDE será realizada de forma automática, sem necessidade de convênio, ajuste, acordo, contrato ou instrumento congênere, nos termos facultados pela Medida Provisória nº 455, de 28 de janeiro de 2009, e destina-se à cobertura de despesas de custeio, manutenção e pequenos investimentos, de forma a contribuir, supletivamente, para a melhoria física e pedagógica dos estabelecimentos de ensino beneficiários, devendo ser empregados:

... IV – na avaliação de aprendizagem;

V – na implementação de projeto pedagógico;

VI – no desenvolvimento de atividades educacionais;

VII – na implementação do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE Escola);

VIII – no funcionamento das escolas nos finais de semana; e

IX – na promoção da Educação Integral.

Seria possível um casamento entre a necessidade de vender o espetáculo e o desejo do artista

em modificar, aprimorar as habilidades estéticas do nosso público, habilidades essas que podem interferir na atuação dos atores, com as suas interjeições, comoção, envolvimento, numa troca saudável para ambos? Além da desmistificação da crença de que : “ O brasileiro não gosta de teatro”

3. Política perversa

O advento da abertura pôs em circulação no Brasil uma filosofia perversa, como se a proteção à cultura nascesse de um lobby corporativista. O protecionismo campeava nas atividades econômicas que poderiam dispensá-la, ao passo que o Ministério da cultura ficou reduzido à ridícula verba de 0,04% (em 2010 este percentual é de) do orçamento da União...Diante do impasse criou-se a panacéia do recurso às leis de incentivo fiscal, delegando à iniciativa privada o papel de estímulo à cultura, em troca de benefícios de natureza fiscal. (Magaldi, Sábado, 1996)

O que não justifica a falta de apoio do Estado com uma omissão assustadora, terrível, que arrasta o nosso palco a uma crise que ora vem e ora fica pior, num desperdício de talento e de cultura. Será que não é possível alterar essa configuração em que o governo prefere incentivar a iniciativa privada, que paradoxalmente, não consegue manter os custos operacionais de uma casa de espetáculos.(Atualmente temos o percentual disponível de 6% do IRPF para pessoas físicas e 4% de IRPJ para pessoas jurídicas, disponibilizados para o incentivo a cultura,) O que precisaríamos fazer para sensibilizar o governo, provocando uma ação em ritmo de campanha contra a dengue?

Há quem diga que a salvação está no teatro popular, outros acreditam que o teatro precisa assumir características empresariais para sobreviver, outros ainda preferem acreditar que a responsabilidade dos acontecimentos está na divulgação precária, mesmo porque, o teatro perdeu a sua condição de arte privilegiada , fala-se ainda dos custos de manutenção dos teatros, o Estado deixa ao abandono as salas que construiu ou resolveu arrendar . Não podemos esquecer das dificuldades do espectador para sair de casa, pois, invariavelmente, precisa de tempo para driblar o trânsito e são poucos os espaços teatrais existentes na cidade, escassos na periferia, prefiro acreditar que a contrapartida do poder revolucionário teatral, a partir do somatório de forças que permeiam a paixão pelo palco, consiga reverter esse quadro. É o que faz Gil Santana, há mais de 30 anos, nos palcos do teatro infantil, numa luta que empreende sozinho para se manter e manter o espaço criado por ele no Rio Vermelho e que leva o seu nome, Gil, acredita que todos os que vivem do teatro em Salvador poderiam estar mais unidos em prol da luta pela sobrevivência de um teatro que considera o seu motivo existencial, não há limites para o investimento que ele faz por amor ao teatro, mas se sente isolado, sem qualquer cobertura ou incentivo, e até incompreendido. Pensar no teatro baiano como um teatro que só consegue levar o público quando faz rir, é extremamente reducionista, pois, já se comentava, conforme Magaldi, 1996: Dessas escolas de teatro, a que vem apresentando rendimento superior é a da Bahia, até recentemente dirigida por Martim Gonçalves, seu fundador. Dispondo de uma verba expressiva e da ajuda da Fundação Rockfeller, a escola teve o concurso de diversos encenadores norte-americanos... À falta de companhias próprias, na capital baiana, o grupo de teatro da escola ... Assistimos a duas realizações da escola: A ópera de Três tostões, de Brecht e Calígula, de Camus. A primeira, sobretudo, pode ser incluída entre os bons momentos do

nosso teatro contemporâneo.
Com tanta tradição e reconhecimento, como deixamos que o nosso teatro pudesse ser ignorado pelas autoridades a ponto de ser deflagrada, pelos jornais, uma “crise nos palcos soteropolitanos” ? o que será que aconteceu com as “Fundações” que podem e devem amparar nos?

4. Considerações finais

Defendo aqui a tese do ator/atriz/produtor, onde todos contribuem para a produção da peça teatral, mesmo ocupando outra função no grupo de que faça parte. Acredito que possamos, unir forças: a força do personagem, a força do ator/atriz/produtor, a do grupo teatral como um todo, a alegria do espectador ao encontrar os olhos do personagem, numa simbiose enriquecedora e frutífera. Está na hora do “povo” do teatro se voltar para iniciativas que possam despertar o sentimento nacional de renovação para a linguagem teatral, a exemplo do PIBID, que é um programa da UFBA- FAGED de apoio a docência, nas escolas públicas, que este ano também conta com a disciplina Teatro, onde os bolsistas são alunos da Escola de teatro, exercendo a função de regente de sala de aula, em quatro Colégios de ensino médio da esfera estadual em Salvador, aplicando aulas que se utilizam das técnicas teatrais, que em breve irá render muitos frutos, despertando nos adolescentes o amor ao teatro. Sendo coordenador da área o professor Luis Claudio Cajaíba, contando ainda com três supervisoras, professoras do estado, que acompanham as aulas ministradas pelos bolsistas, alunos do 3º e 5º semestres da Licenciatura em Teatro - UFBA. Buscar incentivo governamental de sustentação financeira para o nosso Teatro, modificar esse modelo as avessas, equivocado, de se incentivar sem assumir responsabilidades, onde a única verdade que prevalece é, até hoje, do diálogo entre o ator e o seu público.

Referências

Magaldi, Sábado. Panorama do Teatro Brasileiro. 6ª.ed.São Paulo: Global Editora , 2004. 326 p.
CEAP- Revista de Educação – nº 43. Salvador: Edições Loyola, 2003.
Koudela, Ingrid Dormien. Brecht na pós modernidade. São Paulo: Perspectiva, 2001.